

## ACERCA DO FIM EM “O ESTUDO ANALÍTICO DO POEMA”

Daniel de Oliveira Gomes<sup>1</sup>

---

**Resumo:** *O Estudo Analítico do Poema* é um escrito que se afasta do pensamento de Bataille, Foucault, Blanchot e Agamben. Antonio Cândido vai elaborar um discurso cristal, um programa de interpretação que se põe como uma via funcional, também diferente do positivismo e do essencialismo. O presente estudo analisa os efeitos do que se propôs como “útil” e como “finalidade”, guiando-se por uma luz mais contemporânea da teoria poética.

**Resumé:** *O Estudo Analítico do Poema* est un écrit que s'écart de pensée de Bataille, Foucault, Blanchot e Agamben. Antônio Cândido va élaborer un discours cristal, un programme pour l'interprétation qu'en effet c'est une voie fonctionnelle, également différent du positivisme et du essentialisme. Cette étude analyse les effets de cela que se a proposé comme “utile” et comme “finalité”, en se guident d'une lumière plus contemporaine de la théorie poétique.

**Palavras-chave:** Poema. Análise. Agamben. Antonio Candido.

**Mots clés:** Poème. Analyse. Agamben, Antonio Candido.

---

Lo que podría passar por defecto del infinito es, por el contrario, una característica positiva del infinito - su infinitud misma...

Emmanuel Lévinas, *Ética e infinito*

Na orelha do livro *O Estudo Analítico do Poema*, uma aluna afirma que a aula de Antonio Candido é inenarrável. Se é inenarrável, então sua aula é sem fim, não pode encerrar-se numa narração, é uma experiência indescritível, uma vez que se propõe como infinita. Ao mesmo tempo, já teve fim, pois a aluna veio após a conclusão das aulas,

---

<sup>1</sup> Professor colaborador da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

após a conclusão do livro, para classificá-las como algo inenarrável. O próprio autor tentou registrar suas aulas ou captar alguns efeitos compondo o livro, o que é uma busca de evitar o fim delas no fenômeno pedagógico da própria sala de aula. Entretanto, mesmo sendo inenarráveis, ele tentou, de algum modo, narrá-las. Nas próprias palavras introdutórias de Antonio Candido, o livro é um “texto meio desconjuntado”, imerso na possibilidade da lembrança.

Em todo caso, feita as ressalvas, é possível que esse texto meio desconjuntado ainda interesse aos meus alunos, aos quais se destina, como lembrança do nosso trabalho comum.<sup>2</sup>

Mais que isso, o livro tornou-se um programa clássico de análise poética, não apenas freqüentemente lembrado por alunos de Antonio Candido, mas também explorado como método por professores universitários de todo país. Isso chama a atenção, pois o que é, afinal de contas, esse texto que se propunha meio desconjuntado e que se tornou, até hoje, a base de uma conjuntura universitária de análise, o fundamento das aulas sobre poemas de tantos professores de literatura? Seria esse um efeito imprevisível na década de 60? Por que Candido não falou, por exemplo, num “texto bem desconjuntado”, “totalmente desconjuntado”, ou, pelo contrário, tampouco “um texto meio conjuntado” (que seria a outra metade da desconjuntura)? Simplesmente um texto conjuntado, sem o “des” (?). No que se difere um simples texto de um meio desconjuntado? Por que, afinal de contas, um Texto?

Antonio Candido defende, em suma, tanto na nota inicial, quanto nas páginas de explicação, na introdução e na apresentação do programa, que se trata de uma elaboração posterior derivada dos cursos de Teoria Literária, ministrados por ele na Universidade de São Paulo, e que enfatizam a importância metodológica, universitária, programática, de uma análise de cunho instrumental sobre o objeto poema. Mais adequadamente instrumental do que, propriamente, interpretativa (isso foi bem colocado). Será o texto, então, meio desconjuntado pelo fato de sustentar, como diz o subtítulo de um capítulo, o valor da “análise mais do que interpretação”<sup>3</sup>?

Antes de buscar resposta para isso é preciso tentar entender de fato, nessa corrente de dúvidas, em que o autor distancia a questão do comentário da questão da

---

<sup>2</sup> CANDIDO, Antonio. “Explicação”. In: *O Estudo Analítico do Poema*. São Paulo: FFLCH-USP, 1987. (Grifos nossos.)

<sup>3</sup> Ver idem, p. 14.

interpretação. Parece, *a priori*, que há uma distinção entre análise e interpretação que os coloca não propriamente como “questões” e sim como “etapas”. Etapas distintas que devem ser passadas e que o discurso da “meio-desconjuntura” transforma em pilares de todo o resto. Quem sabe, o discurso programático de Antonio Candido é meio-desconjuntado, como ele fala, porque procura, de algum modo, afastar-se inicialmente de duas mentalidades, para depois romper com elas, e na idéia de rompimento é que se localizaria a desconjuntura que é apenas meia.

A primeira mentalidade é, como o autor expõe, positivista, a que define historicismo e biografismo como requisitos sistemáticos para descobrir e descrever regularidades, as regras regulares do plano histórico que originam um poema. Essa mentalidade põe-se como *nomos* histórico-cultural; na outra extrema, contrapõem-se teóricos menos essencialistas. Observou-se, a exemplo, um suíço chamado Emil Staiger, que recorre a uma teoria da interpretação mais estilística, mas ainda na busca de encontrar o melhor acesso à estrutura real de um poema. Aí entra Antonio Candido, com a tentativa de uma nova via, ou uma via mais funcional, apontando o que acredita ser uma posição melhor equilibrada, ou, como ele mesmo diz, ao menos mais “útil” para o estudo universitário.

Tal postura provém de Benno von Wiese, para o qual não há oposição entre comentário e interpretação. Antonio Candido chamará pelos termos de “comentário analítico” e “análise interpretativa”, mas os colocará, como foi dito, não mais numa oposição.

A Análise é, portanto, uma pedagogia equilibrada, que ainda assume uma conjuntura, um ponto de junção com a idéia de “útil”, mas já não quer ser o que é, ou seja, é uma meio-desconjuntura. Pode-se entender aí o porquê da palavra “meio”: o que está em causa é a tentativa de equilíbrio, de um ponto mediador para empregar-se, no espírito de apreensão acadêmica do poema, de um modo mais útil, mais finalístico.

Bataille fala sobre a aberração notável de que o *fim* está sempre dado no plano do *meio*. Isso é crucial para se compreender o lugar, ou o “não-lugar”, de Antonio Candido. Ele diz isso justamente quando se debruça, no campo filosófico, sobre o valor do “útil”:

O útil não tem valor em si mesmo – como o sujeito, ou o mundo, ou os elementos de igual sentido que o sujeito e o mundo – mas somente por relação a um resultado com o qual se contava. O tempo passado em fabricá-lo põe diretamente a utilidade, a subordinação a quem o emprega com vistas a um fim, a subordinação a esse fim; põe ao mesmo tempo a distinção clara do fim e do meio e a põe no plano mesmo que sua aparição definiu. Infelizmente, o fim está deste modo dado no plano do meio, dado no plano da utilidade. Esta é uma das mais notáveis e conseqüentes aberrações da linguagem. O fim do emprego de um útil tem sempre o mesmo sentido que o

emprego do útil: uma utilidade que se consigna por sua vez – e assim uma e mais outra vez.<sup>4</sup>

O conceito de Análise, para Candido, seria então um método geral e programático, que inclui a interpretação como etapa, ou seja, com os *meios* de análise se chega a um *fim* semântico, com resquícios da valorização do erudito, porém numa posição mais equilibrada. Por outro lado, o conceito de Interpretação equivale a algo pessoal e decisivo, uma operação que vem após a tradução efetuada pelo comentário, uma visão experimental do indivíduo sobre os aspectos expressivos do poema. Não há, portanto, na posição assumida por Antonio Candido, a emergência da questão do sujeito, a questão foucaultiana do sujeito, para ser mais específico. Candido, ao colocar o comentário e a interpretação literária como etapas para uma (des)conjunção do poema como objeto, possibilita, indubitavelmente, uma abertura analítica muito importante para a funcionalidade pedagógica universitária.

Mas é necessário admitir que seu modo de negociar com o sentido estético/lingüístico e com a noção de comentário está, como se bem sabe, na contramão das filosofias do discurso mais híbridas, como as de Michel Foucault.

Nos estudos de Foucault sobre a ordem do discurso - aula inaugural no Collège de France, pronunciada em dezembro de 70 –, notamos a hipótese de que todo comentário não deixa de ser justamente um princípio de controle e de delimitação de um discurso. Evidentemente, a despreensão de se chegar ao não-dito não elimina o papel *disfarçado* que todo ensaio ou monografia, toda análise, enfim, todo comentário crítico, traz em si mesmo: o de se dizer “o que estava articulado silenciosamente no primeiro texto”. Todorov, mais comedidamente, também constata tal paradoxo dos estudos literários: são escritura sobre um texto, mas, antes de mais nada, desdobram-se sempre como um “outro” texto. O disfarce da infidelidade ao texto primeiro é uma condição à aventura do comentário.

Primeiro, as frases do tipo: ‘A literatura é a literatura’ levam um nome preciso: são tautologias, frases onde a função do sujeito e do predicado não produz nenhum sentido

---

<sup>4</sup> “[...] El útil no tiene valor en sí mismo – como el sujeto, o el mundo, o los elementos de igual sentido que el sujeto o el mundo – sino solamente por relación a un resultado com el que se contaba. El tiempo pasado en fabricarlo pone directamente la utilidad, la subordinación a quien lo emplea con vistas a un fin, la subordinación a ese fin; pone al mismo tiempo la distinción clara del fin y del medio y la pone en el plano mismo que su aparición ha definido. Desdichadamente, el fin esta de este modo dado en el plano del medio, dado en el plano de la utilidad. Esta es una de las más notables y consecuentes aberraciones del lenguaje. El fin del empleo de un útil tiene siempre el mismo sentido que el empleo del útil: una utilidad se le asigna a su vez - y así una y otra vez (...)”. BATAILLE, Georges. “La humanidad y la elaboración del mundo profano” in *Teoría de la Religión*. Trad. Fernando Savater. Madrid:Taurus. 1998, p. 31.

já que esse sujeito e esse predicado são idênticos. Por outras palavras, são frases que constituem um grau zero do sentido. Por outro lado escrever sobre um texto é produzir outro texto; desde a primeira frase articulada pelo comentador, ele falseia a tautologia, que só podia subsistir sob a condição de seu silêncio. Não se pode permanecer fiel a um texto a partir do instante em que escrevemos. E mesmo se o novo texto pertence também à literatura, não se trata mais da mesma literatura. Quer se queira ou não, escreve-se: a literatura não é literatura, este texto não é este texto.<sup>5</sup>

De igual modo, não há a mesma compreensão sobre a utilidade que sustenta Bataille, para quem, como vimos, o fim do emprego do útil equivale ao próprio momento de seu emprego. Ou seja, no conceito de utilidade desdobrado por Bataille, um conceito filosófico, não existe “etapa”, pois o útil é a própria finalidade do útil. Mas, para Candido, aparentemente pode-se tentar chegar a um método mais “útil”, como diz ele, para o acesso final à verdade estética. Isso se daria através do Estudo Analítico do Poema.

A noção de útil para Antonio Candido, num trabalho de análise interpretativa do poema, nos anos sessenta, não condiz, portanto, com o fim de si próprio. O Fim é, pelo contrário, um ritual misterioso importante para o método desse professor e teórico, o que se via refletido certamente nas suas aulas. Na nota de orelha do livro *O Estudo Analítico do Poema*, lemos, a título de exemplo, o depoimento de uma aluna dele, Walnice Nogueira Galvão. Ela declara o seguinte sobre as aulas de Antonio Candido:

Ninguém entrava ou saía depois do começo ou antes do fim. Quase ninguém o interrompia também: ele não gostava. Que as dúvidas e interrogações ficassem para o fim da aula. Ele terminava quando a campainha assinalava os cinqüenta minutos, em unísono com a última palavra, o que para seus alunos era um mistério e um milagre.<sup>6</sup>

Antonio Candido aparentemente dava aulas extremamente poéticas, que eram também cronometricamente muito associadas à questão do fim. Podemos, em outras palavras, entender que o fim estava presente desde o começo. O fim da aula se ausentava, pois o próprio professor como “um mistério, um milagre” botava um fim antes do fim, ou junto com o final, marcando os cinqüenta minutos exatos com o relógio biológico, infalível, da própria voz, do sopro do discurso exemplar, que durava o mesmo que devia durar, nem mais, nem menos. Em sua aula, Candido duplicava o fim, quase impessoal, desdobrava um fim que dobrava o fim, uma vez que impunha uma conclusão junto com o

<sup>5</sup> TODOROV, Tzvetan. “A demanda da narrativa” in *As Estruturas Narrativas*. 2. ed., trad. Moysés Baumstein, São Paulo: Perspectiva, 1970. pp. 167, 168.

<sup>6</sup> Ver a nota na orelha do livro.

término da aula, ou seja, vivia, no testemunho do aluno, o drama do problema do fim. O mesmo drama que tem a ver, de um lado com a idéia do útil institucional e com o objeto analisado nas aulas, ou seja, o poema; de outro, lembra a idéia filosófica do fim propriamente num meio, no conceito de útil de Bataille.

A questão do fim é um problema basilar do poema, como vemos com o italiano Giorgio Agamben, no texto *O Fim do Poema*. Para este autor, o poema está ligado precisamente a uma impossibilidade ou a um paradoxo do fim.

No ponto em que o som está prestes a arruinar-se no abismo do sentido, o poema procura uma saída suspendendo, por assim dizer, o próprio fim, numa declaração de estado de emergência poética.<sup>7</sup>

Agamben, ao contrário da proposta meio desconjuntada da análise de Candido, nos fala de uma cisão essencial, a que chama de disjunção, e que tem a ver com o poema; essa disjunção ocorre entre som e sentido, o fluxo semiótico e o semântico. Ele levanta a polêmica do último verso de um poema não ser propriamente um verso, ou talvez se transfundir em prosa. Em suma, temos um verso-não-verso, um verso conectado a uma possibilidade impossível de fim. Deste modo, segundo essa (in)coerência, um poema não pode ter fim, não pode acabar. Mas o poema já deixa de ser poema quando seu último verso traiu a todo o poema e convoca o leitor a seguir sozinho. O poema não é, então, nem acabado, nem inacabado. Pensemos em Maurice Blanchot, logo no início de *O Espaço Literário*, onde isso é um pouco mais abrangente. Blanchot nos diz que essa condição é própria do infinito da obra literária, da obra de arte:

Entretanto, a obra – a obra de arte, a obra literária – não é acabada nem inacabada, ela é. O que nos diz é exclusivamente isso: ela é – e nada mais. Fora disso, não há nada.<sup>8</sup>

O problema da ambivalência do infinito é a base daquilo que Blanchot trabalhará mais adiante e que sustentará os temas do espaço da morte, da escritura, da solidão essencial, da questão da arte, da imagem, e outros temas blanchotianos mostrados em outros livros como “A conversa infinita”. Mais adiante, no mesmo livro, quando analisa Kafka, Blanchot fala de “um termo que se insere ao interminável”.<sup>9</sup>

No entanto, voltando a Agamben, cabe a dúvida: se o poema se sustém na

---

<sup>7</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Categorie italiane. Studi di poetica*. Trad. Sérgio Alcides. Venezia: Marsilio, 1996. p. 113-119.

<sup>8</sup> Blanchot, *O espaço literário*, p. 12.

<sup>9</sup> Id. *Ibid.*, p. 77.

tensão entre som e sentido, quando um poema finda, restaria pensar o que fica após essa ruína. E o que fica é a suspensão de um fim que se dá como fim, ou seja, um defeito do próprio conceito de finitude. Levinás, em *Ética e Infinito*, afirma “O que poderia passar por defeito do infinito é, pelo contrário, uma característica positiva do infinito – sua infinitude mesma”<sup>10</sup>.

Não será por isso, por esse problema do infinito, esse defeito da *palavra infinita*, que as aulas de Antonio Candido eram assim inenarráveis?

Não será, todo e qualquer texto, meio desconjuntado?

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Categorie italiane. Studi di poetica*. Trad.: Sérgio Alcides. Venezia: Marsilio, 1996.

BATAILLE, Georges. “La humanidad y la elaboracion del mundo profano” in *Teoría de la Religión*. Trad.: Fernando Savater. Madrid:Taurus. 1998.

CANDIDO, Antonio. “Explicação” in *O Estudo Analítico do Poema*. FFLCH-USP, São Paulo, 1987.

LÉVINAS, Emmanuel. “La gloria del testimonio” in *Ética e infinito*. Trad.: Jesús María Ayuso Díez, Madrid: Gráficas Rógar, 2000.

TODOROV, Tzvetan.”A demanda da narrativa” in *As Estruturas Narrativas*. 2. ed. Trad.: Moysés Baumstein, São Paulo: Perspectiva, 1970.

Recebido para publicação em 20 de fevereiro de 2007.

Aceito para publicação em 3 de abril de 2007.

---

<sup>10</sup> “[...] Lo que podría pasar por defecto del infinito es, por el contrario, una característica positiva del infinito - su infinitud misma [...]” LÉVINAS, Emmanuel. “La gloria del testimonio” in *Ética e infinito*, trad. Jesús María Ayuso Díez, Madrid: Gráficas Rógar, 2000, p. 90.